

A “sexualidade” e “vida a dois ” nas revistas femininas e masculinas nos anos de 1970

Roselane Neckel*

Resumo: Este artigo trata da intensa produção discursiva em torno da sexualidade, que foi amplamente divulgada pelas revistas femininas na década de 1970. Nestas revistas, a “educação sexual” passou a ser apresentada como uma maneira de alcançar a “perfeita adequação sexual”, o “verdadeiro” indicativo da “felicidade conjugal”. A “Revolução Sexual” em debate foi proposta nos limites da preparação para o matrimônio e para a manutenção do casamento e da família.

Palavras-Chave: Sexualidade. Revolução Sexual. Revistas Femininas.

Abstract: This article treats of the intense discursive production around sexuality that was widely divulged by feminine magazines in the decade of 1970. In these magazines, the “sexual education” has been presented like a manner of reaching the “perfect sexual adequation”, the “true” indicative of the “conjugal happiness”. The “Sexual Revolution” in debate was purposed in the limits of preparation to matrimony, and to the maintenance of wedding and the family.

Keywords: Sexuality. Sexual Revolution. Feminine Magazines.

* *Roselane Neckel*, Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

¹ Eram revistas que passaram a ser publicadas no Brasil a partir do final da década de 1960, com exceção da Revista *Claudia* (1961), que traziam em seus artigos, entre outras preocupações, a de orientar seus leitores em torno da sexualidade e do relacionamento conjugal, através de conhecimentos médicos e psicológicos, diante das mudanças advindas com a "revolução sexual" ou "liberação sexual". Foram pesquisadas as seguintes revistas: *Cláudia*, ano 1, n.1, São Paulo: Editora Abril, out. 1961; *Nova*, ano 1, n.1, São Paulo: Editora Abril, set. 1973; *Homem-a revista do homem*, ano 1, n.1., São Paulo: Editora Abril, ago. 1975; *Playboy-a revista do homem*, São Paulo: Editora Abril, n. 36, jul. 1978. Pelo que observamos, em julho de 1978 a revista *Homem*, publicada pela Abril, passou a se chamar *Playboy-a revista do homem*. *Pais & Filhos*-a revista mensal da família moderna, Rio de Janeiro: Bloch Editores, set. 1968.; *EleEla*-a revista para ler a dois, ano 1, n.1. Rio de Janeiro: Bloch editores, maio 1969; *Homem - a revista do playboy*, ano 1, n.1, São Paulo: Idéia Editorial, set. 1978.

² *EleEla*, ano 6, n. 76, agos./set.1975.

³ *Playboy*, Edição Especial de Aniversário, ago.,1978.

⁴ NEHRING, Maria Lígia Quartin de. Família e feminismo: reflexões sobre papéis femininos na imprensa para mulheres. São Paulo, 1981, 392p. Tese (Doutorado em Ciências Políticas)-Universidade de São Paulo, p. 103-108.

Ao refletir sobre nossas formas de interagir afetivamente na sexualidade, no amor e na amizade, optamos por apreender o espaço que a imprensa assumiu na produção e divulgação de modelos de relacionamentos entre homens e mulheres nos anos de 1970. Neste período, diante das mudanças advindas com a "revolução sexual" ou "liberação sexual", houve um sensível aumento do número de publicações de revistas de "comportamento"¹, como se convencionou chamar aquelas que traziam em seus artigos, entre outras preocupações, a de orientar seus leitores/as em torno da sexualidade e do relacionamento conjugal. Nestas revistas, observa-se uma maior preocupação com a "educação sexual" de seus leitores, através da divulgação de "práticas" que poderiam "melhorar a vida sexual do casal", bem como transformações íntimas que quebrassem a resistência de determinados "tabus".

Estas revistas eram compradas nas bancas, e lidas por vários homens e mulheres das classes médias nos anos de 1970. A revista *EleEla*, em 1975, tinha 973.300 leitores/as², enquanto a Revista *Playboy* tinha 635.000, em 1977, e 875.000, em 1978³. A revista *Claudia* tinha uma tiragem mensal de 380.000 mil exemplares, e *Nova* 200.000, em setembro de 1979.⁴ Cabe ressaltar, ainda, que a leitura de alguns exemplares da revista *EleEla* foi possível graças a um acervo particular. Consideramos que a existência desse acervo e o número de leitores são significativos, acerca da importância das revistas na constituição das subjetividades emocionais e sexuais de homens e mulheres nos anos de 1970.

Uma das constantes nos textos foi a associação entre vida sexual do casal e as publicações que tratavam de ensinar a "arte de amar em poucas lições". Concomitantemente à liberação sexual, impondo novas formas de sedução, define-se o que é "pra frente" ou atualizado, e o que é ultrapassado, demonstrativo de formas de poder que buscavam

transformar o comportamento dos indivíduos através de investimentos que não têm a forma de controle e repressão, mas de controle- estimulação.⁵ Os saberes da “sexologia moderna” constituem-se na matriz discursiva de múltiplos textos que são visibilizados pelos diferentes meios de comunicação e instituições.

Neste contexto, a sexualidade foi se dissociando da reprodução, e as investigações científicas passaram a objetivar a “fisiologia do prazer” e as melhores técnicas para alcançar o orgasmo⁶. A sexualidade é, cada vez mais, dissociada das relações sexuais ligadas à procriação e à família, abrindo um espaço cada vez maior ao controle da reprodução pelos métodos anticoncepcionais. Aos métodos tradicionais de evitar a gravidez, como o coito interrompido, foram acrescidas possibilidades mais modernas, tal como a pílula anticoncepcional. Nos discursos médicos, a sexualidade passava a ser dissociada dos cuidados com a responsabilidade do cidadão, com a reprodução. A sexualidade, como propriedade individual a ser explorada e ampliada através das modernas técnicas científicas, foi muito acentuada pela ciência e pela divulgação da mídia.

Compreendemos que este registro é importante para mostrar que este debate não é específico da sociedade brasileira, mas que faz parte de um movimento mais amplo de ascensão da sexualidade como um componente central nas relações sociais, e também entre os indivíduos. Sua influência é flagrante nas representações midiáticas, o que também é demonstrado pelo aumento de especialidades científicas, como a psicologia, a sociologia e a sexologia, que tomaram o lugar da medicina social na produção discursiva em torno dos problemas sexuais contemporâneos. Na Europa e nos Estados Unidos, tornaram-se comuns pesquisas que se baseavam no questionamento da opinião pública sobre a vida sexual, ou em estudos de fisiologia através da utilização de voluntários para o conhecimento do funcionamento

⁵ Segundo Michel Foucault, o corpo “está diretamente mergulhado num campo político”, em que a multiplicidade de discursos constitui uma teia discursiva que marca os corpos dos indivíduos em seus cotidianos e em sua relação com o coletivo social, relações complexas que estão intimamente conectadas ao exercício do poder.

⁶ Coloquei entre aspas expressões que eram muito usadas nas revistas.

do corpo de homens e mulheres, durante o relacionamento sexual. A base desse novo entendimento era a ênfase na anatomia e na fisiologia do corpo humano para a resolução dos "problemas sexuais".

Neste artigo, vamos apresentar aspectos das produções discursivas em torno da sexualidade nas revistas femininas e masculinas, publicadas e vendidas no Brasil na década de 1970.

O "sexo" e a "felicidade conjugal": a busca do prazer

No final dos anos de 1960, os artigos das revistas apresentavam os problemas de adequação sexual no casamento e suas possíveis soluções, mas não eram tão freqüentes os assuntos sobre como "alcançar o orgasmo", "os benefícios da masturbação", o que é orgasmo, o que é o clitóris ou como "conquistar uma mulher, incluindo-se a manipulação clitoriana". Durante os anos 1970, vários serão os artigos sobre a "vida a dois". Aparecem artigos, dividindo-se em temas, sobre os problemas do casamento, os sacrifícios necessários para "manter o casamento", os problemas advindos com a emancipação feminina, a sexualidade do casal, a busca do prazer e, finalmente, o que fazer na hora do sexo.

Estes artigos eram acompanhados de outros, que destacavam a ansiedade em relação aos anúncios de que "o casamento corre perigo". Em *EleEla*, num artigo de 1969, ilustrado por uma foto onde aparece uma dinamite com duas alianças, advertia-se: *Tudo indica que estamos em vésperas de uma profunda transformação do casamento. Talvez o fim da vida a dois ou, quem sabe, talvez o início da verdadeira existência a dois.*⁷

⁷ O casamento corre perigo. *EleEla*, ano 1, n. 6, out.1969.

Os leitores e leitoras estavam sendo informados de uma "revolução sexual" que abria a possibilidade do sexo sem o compromisso do casamento, que já era uma alternativa real tanto para homens como para mulheres, mas que, agora, era discutido publicamente,

mesmo que em um contexto de apreensão em relação ao futuro do casamento. A “revolução sexual” nas revistas estava, na maioria dos artigos, atrelada à manutenção do casamento.

Junto às apreensões em torno dos efeitos da “revolução sexual” na família, aparecem as preocupações em relação à “adaptação sexual do casal”. Em 1971, no artigo da revista *EleEla*, afirmava-se: “A vida sexual pode salvar o seu casamento”:

*Anteriormente, o casamento era associado à idéia da própria vida sexual. Casava-se para ter direito ao amor físico, o qual era vetado pelas religiões e pelos códigos civis. Hoje, muita gente pensa o contrário: o casamento seria a tranquilidade, a segurança e a estabilidade econômica. E o tédio sexual. Para combater esta idéia, que aos poucos vai ganhando novos adeptos, argumentamos com a evidência: **nenhum casamento se sustenta se não tiver como base uma sadia e intensa vida sexual**⁸.*

⁸ *EleEla*, ano 2, n. 24, abril 1971. (grifo nosso).

Os artigos em torno das mudanças necessárias para manter o casamento eram, às vezes, contraditórios, mostrando o embate entre o entendimento sobre a necessidade de tais transformações “modernas” - experiências pré-matrimoniais - e a permanência de determinados comportamentos- como a virgindade.

Até os anos 1960, conforme lemos em Carla Bassanezzi⁹, as revistas femininas *Querida*, *Cláudia* e *Jornal das Moças* tratavam o tema sexualidade com muitas reservas. As temáticas que aparecem nos anos 1970 não eram abordadas nas revistas de 1940 até as do final da década de 1960.

⁹ BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as páginas, revendo as mulheres: as revistas femininas e relações homem-mulher, 1954-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

No entanto, cabe ressaltar que, nesse período, houve um aumento no número de publicações de manuais sexuais; alguns eram bastante claros, e outros eram “carregados de preconceitos”. As redefinições que eram propostas restringiam-se à preparação das mulheres para casar e ser mãe. As informações que eram dadas deveriam evitar o desconhecimento a respeito das relações sexuais para o fracasso do

¹⁰ RAGO, Margaret. Os mistérios do corpo feminino ou as muitas descobertas do "Amor Venéris". In. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, 2002, p. 188, aponta que, durante os anos 1920, "antigas leituras do corpo feminino e de suas necessidades" passaram "a ser questionadas em vários países, como Inglaterra e Estados Unidos". Ela cita que, para alguns historiadores, "esta foi a década que presenciou a 'primeira revolução sexual' do século XX", precedendo a segunda dos anos 1960, "caracterizando-se por uma liberação dos costumes sexuais, mas apenas no que se refere às relações conjugais heterossexuais e não homossexuais". "No Brasil, nos anos 1920 e 1930, "cresce uma literatura que discute e questiona a moral sexual", tanto em sentido misógino como em sentido oposto", pelos anarquistas e modernistas. Os médicos e juristas desenvolveram argumentos "em favor da educação sexual dos jovens", para a preservação de determinados valores morais como a virgindade e a indissolubilidade do casamento.

¹¹ BASSANEZI, C. B. Op. cit. 1996, p. 149.

¹² *Jornal das Moças*, 15.07.1948. Apud BASSANEZI, C. B. Op. Cit. 1996, p.150.

¹³ *Jornal das Moças*, 08.04. 1954. Idem.

¹⁴ Na edição de junho de 2003 da revista *Super Interessante*, os desenhos de Carlos

casamento. Essas preocupações eram demonstradas, até, por parte de alguns membros da Igreja, que defendiam a necessidade de uma educação sexual com "bases morais definidas", principalmente para as mulheres. Os conhecimentos que deveriam ser dados eram aqueles que possibilitassem às mulheres um melhor desempenho em suas "duas missões": a manutenção do casamento e a maternidade.¹⁰

No entanto, apesar da existência desses manuais nas revistas que atingiam um público mais amplo, não se encontrava nenhuma referência objetiva a prazer ou a relações sexuais; quando se escrevia sobre esses temas, eles ficavam subentendidos. "Os termos menstruação, fertilidade e relações sexuais, por exemplo, não aparecem".¹¹ Os textos eram sutis, até mesmo sobre as mudanças fisiológicas, como no **Jornal das Moças** "do fim dos anos 1940 a meados de 1950, conforme nos mostra a propaganda do folheto "Ser quase mulher e ser feliz", distribuído pelo absorvente Modess":

O livrinho facilita a missão das mães, poupando-lhes o constrangimento que por vezes sentem em elucidar suas filhas sobre estes problemas...¹²

Um dia sua filha fará "certas perguntas" (...) você terá que explicar-lhe "certos fatos" relacionados e é melhor que ela aprenda em casa do que "ouvir falar" (...) nós lhe oferecemos um livreto escrito de forma discreta e compreensível (...) "naqueles dias" o uso de Modess é indispensável (...).¹³

Pouco se falava sobre sexualidade explicitamente, mas isso não indica que as "moças" não tinham acesso às informações. Segundo Bassanezzi, "nas estantes ou gavetas de várias casas, os quadrinhos de Carlos Zéfiro¹⁴ e revistas pornográficas circulavam entre os rapazes, e "romances proibidos" eram lidos por algumas moças, e certamente em determinados círculos havia troca de informações".¹⁵ Consideramos, ainda, que para outras mulheres e homens, os

aprendizados em torno da sexualidade eram realizados através das histórias dos mais velhos, dos amigos ou vivenciando suas próprias experiências sexuais. Essa é uma questão relevante, na medida em que, no final dos anos 1960, tais experiências foram ampliadas pelas informações sobre as pesquisas médicas ou científicas sobre a sexualidade, anteriormente restritas aos especialistas, que passaram a ser intensamente divulgadas pelas revistas publicadas no Rio de Janeiro e em São Paulo.¹⁶ Até o final dos anos 1960, o conhecimento médico assumia certa importância na família apenas quando alguém ficava doente ou no momento do nascimento dos filhos. Para muitas mulheres, somente a proximidade do casamento permitia que elas recebessem algumas noções do que seria uma relação sexual.

Nos anos de 1970, mulheres e homens vieram a se constituir num público consumidor ansioso por conhecimentos que os auxiliassem a compreender as exigências modernas e angústias crescentes em relação à sexualidade. As exigências em torno da capacidade sexual de homens e mulheres foram intensamente disseminadas pelas revistas. Em março de 1970, na revista *EleEla*, insistia-se: “Se, antigamente, a mulher perguntava-se: “devo entregar-me a ele ou não?”, hoje ela se pergunta: será que terei prazer ou não? A dúvida, muito mais complicada, não diz respeito à sua coragem de entregar-se, mas à sua capacidade sexual”.¹⁷

As mulheres eram incentivadas a pensar, cada vez mais, na possibilidade de relações eróticas com prazer, a sentir mais paixão e desejo pelo sexo oposto. Já não é mais uma questão de entregar-se ou não, mas se está preparada para buscar e atingir o orgasmo, indicado como essencial para o seu equilíbrio psíquico, mental e físico. Tais formulações discursivas conviviam com outras que preparavam as mulheres para o casamento, informando sobre “o que é preciso para um bom entendimento sexual”.¹⁸

Além dos artigos, foram elaborados encartes sobre

Zéfiro foram utilizados para ilustrar o artigo sobre “A ciência do sexo”. No artigo, é feita uma homenagem a Carlos Zéfiro, cuja verdadeira identidade foi descoberta somente em 1991. Ele era o funcionário público Alcides Caminha. Destaca-se que em “tempos de maior abertura sexual, ele decidiu finalmente ir a público e colher os louros da fama. Alcides Caminha morreu no ano seguinte, vítima de um derrame cerebral. Nos anos 1950, os autores das “revistinhas de sacanagem”, que eram histórias em quadrinhos extremamente explícitas, utilizavam pseudônimos. O mais famoso deles era Carlos Zéfiro.

¹⁵ BASSANEZI, C. B. *Op. Cit.* 1996, p. 150.

¹⁶ Não podemos dizer que, em outras cidades, esse processo tenha ocorrido do mesmo modo, mas podemos afirmar que essas discussões em torno da sexualidade, constituídas nessas cidades, chegaram noutras cidades do Brasil. Para fazer tal afirmação, estamos considerando não somente a distribuição das revistas, mas também a divulgação feita pela televisão, que transformaram essas cidades em pólos irradiadores de comportamentos e modos de vida para muitos lugares do país. *EleEla*, ano 1, ano 2, n.º 17, set. 1970, p.26.

¹⁸ KARMAN, Graciela. Tudo o que você sempre quis saber sobre sexo. *Cláudia*, ano 18, n. 202, ago. 1977, p. 26.

sexualidade, que eram anexados em meio às revistas, tanto por uma ordem da censura como por uma estratégia de venda, ao aguçar a curiosidade dos leitores.¹⁹ Na *Pais & Filhos*, recomendava-se:

*Este relatório foi escrito especialmente para adultos. Por essa razão ele vem com as páginas lacradas. Se os pais acham que seu filho ou filha não têm idade ou maturidade suficiente para lê-lo, podem destacá-lo da revista, pois esta não ficará prejudicada.*²⁰

O relatório em questão intitulava-se "Sexo no casamento". A maioria dos encartes tratava de temas sexuais. Alguns dos títulos apareciam nas chamadas das capas: na *Pais & Filhos* "A mulher fria é doente?" (1969), "Manual do casamento": Para a mulher (1969), "Suplemento dos futuros casais" (1971), "Sexo, preconceito e tabus" (1977); "Violência sexual, prazer sem amor" (1977), "O despertar sexual da mulher depois dos 30" (1977); em *EleEla*: "Um Moderno manual da vida a dois" (1970), "Virgindade, sexo e família" (1971); em *Nova*: "Amor, sexo e mulher solteira" (1978), "Guia do casal moderno" (1976).²¹

Em "Suplemento dos futuros casais", de 1971, o casal poderia "aprender numa série de três artigos editados pela American Medical Associations dos E.U.A, como a vida se faz. E, em seguida, as várias maneiras de torná-la mais tranqüila, harmoniosa e feliz, nesta nova família que vai se formar".²² Entre os dez passos fundamentais para a adaptação, o nono capítulo era considerado "o de maior relevância"; enfatizava-se "queiram ou não os puritanos", pois tratava da sexualidade do casal.²³

Comentava-se que mesmo "com a máquina moderna da publicidade funcionando a todo vapor, focalizando sob todas as formas o aspecto sexual do casamento, é surpreendente o quanto homens e mulheres (essas em maior grau) ignoram conhecimentos essenciais a esse respeito"²⁴. As revistas evidenciavam que os homens eram mais bem

¹⁹ Também é importante mencionar as interdições da censura do Departamento de Costumes e Diversões Públicas, da Polícia Federal. Tais intervenções interferiram tanto nas fotografias como nos textos, que não deviam incluir temas que questionassem "padrões morais" e que dessem visibilidade a novas práticas sexuais. Entretanto, apesar da censura ter comprometido a autonomia das revistas, muito foi dito, tanto pela criatividade dos editores e articulistas, nos artigos e fotografias, bem como pela falta de eficiência da censura.

²⁰ *Pais & Filhos*, ano 2, n. 5, jan. 1970.

²¹ *Pais & Filhos*, ano 1, n.5, janeiro 1969; *Pais & Filhos*, ano 1, n. 8, abr.1969; *Pais & Filhos*, ano 3, n. 5, jan. 1971; *Pais & Filhos*, ano 3, n. 6, fev. 1971; *Pais & Filhos*, ano 9, n. 9, maio 1977; *Pais & Filhos*, ano 9, n.10, jun. 1977; revista *EleEla*, ano 1, n. 9, jan.1970; *EleEla* ano 3, n. 28, ago. 1971; *Nova*, ano 4, n. 38, nov. 1976.; *Nova*, ano 6, n. 52, jan. 1978.

²² NOGUEIRA, Glória (Coordenação). Suplemento dos futuros casais (Encarte). *Pais & Filhos*, ano 3, n.6, abr. 1971.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

informados que as mulheres, sobre o sexo. Por isso, continuavam escrevendo mais para elas, desconsiderando que eles não estavam preparados mais que as mulheres para as mudanças propostas pela liberação sexual.

Destacava-se, ainda, a preocupação em relação à confusão entre liberação e o automatismo sexual. Nesse caso, em alguns artigos o amor era o primeiro a ser chamado para evitar os excessos. No entanto, dentro da lógica da liberação sexual que era proposta pelas revistas, a ênfase se dá mais em relação ao significado do amor para as mulheres. “O sexo sem amor é o primeiro passo para as anomalias físicas e morais” das mulheres. Entendemos que esse fragmento, assim como o seguinte, além de apontar o perfil da sexualidade feminina centrada no amor, situava a liberação sexual feminina como passiva de punição através de “doenças terríveis” para as mulheres.

O sentimento do amor era aqui utilizado como uma tentativa de controlar a crescente liberdade sexual das mulheres, a subjetividade amorosa era útil a uma abordagem reguladora das práticas sexuais femininas. O que é destaque em *EleEla* em outubro de 1969:

*Os sentimentos desempenham um papel de maior importância na vida da mulher, podendo levá-la à satisfação máxima ou comprometer irremediavelmente todo o seu relacionamento amoroso na faixa dos sentimentos negativos; destacam-se o medo e a vergonha, provenientes quase sempre de uma educação à base de mistérios e tabus, que provocam inibições e reações de autodefesa. No extremo oposto, uma excessiva liberdade cobra juros altos àquelas que a adotam, pois como disse há pouco um médico sueco, “a pior aventura que pode acontecer à sexualidade é a sua queda para o plano do mecanismo funcional. O automatismo tanto quanto a inibição conduzem à neurose e à frigidez”.*²⁵

²⁵ *EleEla*, ano 1, n. 6, out. 1969, p. 8.

A permissividade sexual representava problemas exclusivamente para as mulheres, considerando que um credo básico da sexualidade masculina era baseado

no código de que "um homem de verdade não precisa de abraços e carinhos - só sexo". Esta era a interpretação padrão que continuava a ser fortalecida para os homens na proximidade com as mulheres. Além disso, o prazer masculino era apresentado como resultado da penetração e da ejaculação durante a relação sexual. Querer ter sexo, para os homens, era fazer sexo que culminasse no orgasmo. Outras formas de prazer não eram indicadas: a preocupação maior dos homens deveria ser com a "potência", com a capacidade de ereção durante o ato sexual. Os sentimentos nas relações físicas eram vistos, como significativos, apenas para as mulheres.

A divulgação do prazer sexual, apoiada nos estudos médicos e psicológicos, transformou-se numa exigência que não incitava somente os homens, mas também as mulheres. Nesse momento, a satisfação sexual indicaria o mais alto nível de liberdade, e a liberação da energia sexual passa a ser vista como essencial para a definição de indivíduos saudáveis. A exploração de todas as possibilidades de alcançar o prazer e liberar todos os desejos sexuais, aparece, como fator essencial, para que os homens e as mulheres alcançassem a felicidade. Nas revistas masculinas e femininas, as exigências em torno da família e dos filhos deram lugar aos prazeres sexuais e ao direito à busca do prazer.

Alguns termos e análises, até então reservados aos médicos e psicólogos, tornaram-se uma constante nas revistas. A frigidez, a impotência orgástica, masturbação, o auto-erotismo, o prazer feminino e masculino, a fase ascensional, a plenitude sexual, as neuroses sexuais, maturidade sexual e sensual, indicavam a presença de uma nova linguagem até então restrita aos livros e aos consultórios de médicos e psicólogos, que colocaram à disposição dos leitores um rol de conhecimentos variados. Dessa forma, constituem-se como um documento importante na compreensão dos modelos de comportamento sexual

que foram colocados à disposição dos leitores e leitoras, na década de 1970.

Cabe ressaltar, ainda, que as revistas atendiam a um determinado público consumidor: a classe média em ascensão. Nos espaços urbanos, homens e mulheres se constituíram num público consumidor interessado em compreender as mudanças advindas com a complexidade da vida urbana.

Porém, na maioria dos artigos o movimento de “liberação sexual” era para as mulheres, e aparecia amarrado à instituição do casamento; uma oposição às propostas libertárias e contrárias a relações emocionais, fixas e monogâmicas. A “revolução sexual”, nas revistas que pesquisamos, fixava-se nas lições de como facilitar o ajustamento perfeito do casamento em seus aspectos sexuais.

Cabe salientar, ainda, que, embora o direito à liberdade sexual e ao prazer das mulheres fosse discutido e divulgado, tais mudanças não eram colocadas, na maioria dos artigos, como uma possibilidade de escolha para as mulheres; transformou-se, pois, numa obrigação, pensar e sentir a sexualidade da mesma maneira como esta foi constituída culturalmente para os homens.

Para esta análise, foram inspiradoras as reflexões de Pascal Bruckner e Alan Finkelkraut, em sua obra “A nova desordem Amorosa”, sobre os significados da “disciplina do orgasmo”. Para eles, a “veneração do orgasmo” é inaugurada por Wilhelm Reich e retomada em coro por vários outros sexólogos, e surge como correlativa daquilo que poderíamos chamar de “tirania do genital”, isto é, a redução da sexualidade dos prazeres e do erotismo das mulheres ao equipamento sexual masculino, além da redução do próprio sexo masculino ao pênis, com a marginalização da erogeneidade anal.²⁶ Esses autores entendem que a sexualidade feminina é constituída no contexto da “revolução sexual”, tomando-se, como referência, o exercício da sexualidade masculina. Ou

²⁶ Ver: BRUCKNER, Pascal; FINKIENKRAUT, Alan. *A nova desordem amorosa*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

seja, esta constituiu-se, segundo estes autores, num "modelo fálico da volúpia", que se baseia na definição do prazer orgasmático obrigatório, e que é determinado na e pela genitália. Ao prazer difuso do erotismo, aberto às sutilezas do toque, provocador de sensações e aberto aos devires da ação no calor da hora, opõe-se um prazer funcional, orientado por toques e movimentos precisos onde a genitalidade prescreve o prazer. O roteiro orgástico torna-se o mesmo para homens e mulheres. A sentimentalidade que envolve as práticas sexuais perdeu seu lugar, nessa nova ordem. "A sentimentalidade é boba" porque toda a libido ocorre definida no objeto genital como posse da ação sexual, na qual todo o apelo amoroso se encerra. A relação sexual clássica é dividida em preliminares e ponto culminante, silenciando acerca de outros pontos erógenos do corpo (seios, nádegas, etc.), subordinando, assim, as mulheres, a um "gozo central", chegando ao fim sempre do mesmo modo.

Nesse sentido, é sugestivo, na *Playboy*, um artigo que tratava de estratégias de "conquistas masculinas", escrito por Lisa Southern, uma sexóloga americana. Ela diz que as mulheres fingiam tão bem os orgasmos que convenciam os homens de terem desempenhado bem o papel no sexo.²⁷ Por esse motivo, essa autora optou por tratar das situações em torno do prazer feminino através de seu depoimento pessoal, no qual aponta "Sete segredos para você dar o máximo de prazer a uma mulher",²⁸ que, segundo ela, são essenciais, pois agradavam à mulher, provocando o máximo de prazer. Recomendava-se que se deviam apagar as luzes. Tal atitude ajudaria a quebrar os "pudores" relativos à exposição do corpo feminino. Caberia ao homem lembrar que os tempos de excitação entre os sexos masculino e feminino eram diferentes. Os homens eram rápidos, as mulheres precisavam "ser aquecidas em fogo brando": assim, elas iriam se percebendo a cada instante ao lado do parceiro, internalizando o afeto recebido e se excitando até atingir o clímax.

²⁷ SOUTHERN, Lisa. Sete segredos para você dar o máximo de prazer a uma mulher. *Playboy*, Edição Especial de aniversário, ano 4, ago. 1978, p. 30.

²⁸ *Ibidem*, p.31.

Sugere, também, a autora, que os homens permitissem que as mulheres permanecessem imóveis, numa atitude passiva, pois no seu entendimento impor à parceira as acrobacias constantes nos manuais de sexo acabaria por inibi-la, impedindo que se concentrasse eroticamente. A dificuldade da maioria das mulheres em atuar eroticamente, nessas circunstâncias, decorre de uma educação de recato que receberam desde a infância, que interfere na vida sexual; daí preferirem permanecer deitadas, silenciadas e quietas durante o ato sexual, “chegando mesmo a ficar mais imóveis e silenciosas à medida que o clímax se aproxima”.

O roteiro sexual continuou discorrendo sobre como deve ser a “preparação erótica”, recomendando ao homem que: “deite-se de lado olhando para ela”; “seja delicado ao manusear o clitóris”; “deixe que a garota se sinta confortável” e “aprenda a conhecer os “sinais” importantes no ato do amor”. Cabe destacar que, em nenhum momento, incentivam-se os homens a perguntarem às mulheres o que elas querem, porque nesse roteiro os homens eram os únicos responsáveis pela relação sexual, cabendo-lhes sempre a iniciativa.

A defesa dos interesses masculinos é ainda mais explicitada no item sete, quando a autora buscava ensinar os homens a reconhecerem “os ‘sinais’ importantes no “ato do amor”, ensinando-os a identificar o “verdadeiro orgasmo feminino”. Esta preocupação tinha por objetivo alertar os homens sobre as possíveis simulações femininas. Para que o homem obtenha o sucesso nessa identificação, a autora indica que no “verdadeiro orgasmo os bicos dos seios ficam duros e congestionados”. E ainda sugere que” se a garota se mostrar excitada logo após dizer que atingiu o orgasmo ela... fingiu...”²⁹

²⁹ *Ibidem*, p. 32.

Alcançar o prazer, de acordo com o roteiro válido para os homens, como se tudo que valesse para o homem valesse para a mulher, tornou-se um novo tabu, no sentido de que se tornou obrigatório. Outras formas de prazer possíveis de serem sentidas, por essas

mulheres e homens, continuaram a ser excluídas ou colocadas em segundo plano nas relações sexuais. O ápice da relação sexual continuou sendo o orgasmo, de acordo com os parâmetros de uma sexualidade marcada pela função reprodutiva, caracterizada pelas seguintes fases: preliminares, que incluem carícias dos homens nas mulheres, seguidas da penetração e movimentos na vagina, terminando com a ejaculação e o orgasmo masculino na vagina. O objetivo da relação continuava sendo a ejaculação do homem, componente importante quando a relação sexual era socialmente estimulada para a reprodução, que definia o fim da relação sexual dos casais heterossexuais.

Nesse momento, o imperativo do orgasmo deu lugar à visibilidade de outras formas de ter prazer; a relação sexual continuou sendo orientada de acordo com os objetivos reprodutivos; as preliminares poderiam dar lugar a inúmeros gozos, mas eram vistas apenas como uma etapa para o orgasmo. O ato sexual seguia o roteiro masculino de alívio das tensões, legitimado pelos sexólogos reichianos e master-johnsianos.³⁰

Mesmo quando determinadas análises insistiam nos aspectos negativos da liberação sexual para as mulheres, ao declararem que elas perderam o direito de dizer "não", estavam enfatizando a necessidade de mudanças ao destacarem os problemas. Por outro lado, as exigências foram se acumulando, mas também foram sendo liberadas outras possibilidades de pensar e sentir a sexualidade e o prazer sexual, coexistindo coerções e liberdades.

É nessa perspectiva que os ensinamentos que a sexóloga Lisa Southern forneceu aos homens na revista *Playboy* também devem ser analisados. Os homens tiveram acesso a informações científicas da conduta sexual das mulheres, o que poderia melhorar seu entendimento sobre a sexualidade feminina e melhorar suas relações com as mulheres. Por outro lado, era problemático quando tal "cientificidade", impressa nessas características, transformava as regras em

³⁰ Em suas obras, Reich, estabelecendo um diálogo com Freud, falava sobre "abstenção impulsional", os efeitos da ausência do orgasmo como responsável pela insatisfação que produziria práticas e regimes autoritários como o fascismo e o Stalinismo. Então, era necessário abolir qualquer "regulamentação moral" rigorosa para liberação, sem entraves, da energia sexual natural dos indivíduos, essencial para que o indivíduo alcançasse o máximo do prazer através do livre desenvolvimento da libido genital. Sua "teoria da genitalidade" definia a neurose como resultado da perturbação da libido genital e não da libido difusa pelo corpo. A liberação da energia sexual pelo "orgasmo" representa saúde mental do indivíduo. Ver: REICH, Wilhelm. O Combate Sexual da Juventude. São Paulo: Edições Pompéia, 1986, p. 142.

verdades válidas para todas as mulheres.

Portanto, consideramos que, à medida que, componentes da intimidade foram expostos ao público, para alguns homens e mulheres ocorreu o reforço de um modelo de sexualidade que expunha as mulheres às agruras das exigências dos homens e de si mesmas, sendo orientadas por tais modelos baseados num entendimento de que as mulheres teriam um “comportamento igual aos dos homens” nas questões sexuais. Enfim: ao naturalizar-se o desejo sexual, definia-se a sexualidade masculina como padrão.³¹

Porém, cabe enfatizar que, ao se abrirem espaços para discutir as proibições em relação ao prazer feminino, também foram apresentadas novas atitudes que suscitaram possibilidades de mudanças nos relacionamentos entre homens e mulheres e na hierarquia dos sexos. Dessa forma, consideramos que, mesmo diante das permanências de determinadas representações, as rupturas foram ampliadas nas experiências sexuais. A intensa produção discursiva deve ter possibilitado, em especial às mulheres, mesmo num universo repleto de artigos contraditórios, o acesso a informações que imprimiram o rompimento de determinadas sujeições em seus cotidianos. Um exemplo é o debate público sobre o direito de as mulheres terem experiências sexuais fora da instituição do casamento, transformando-a em um detalhe secundário de todos os outros elementos que levam um casal a se unir por casamento.

Assim, é inegável que a sociedade, a partir da década de 1970, tornou-se mais aberta às relações sexuais não institucionalizadas, e estamos, de modo geral, na contemporaneidade, mais abertos a viver plenamente a sexualidade. No entanto, os altos índices de mulheres que nunca sentiram orgasmo ou que tenham falta de desejo, divulgados pelas pesquisas atuais,³² indicam a importância de dar visibilidade aos estudos que exploram a produção discursiva em torno da

³¹ Sobre esta questão, vale informar que Kinsey, em seu índice alfabético relaciona o termo “falo” tanto ao pênis, como ao clitóris, sendo o clitóris conceituado como “falo da mulher, é o homólogo do pênis do homem”. KINSEY, Alfred et. alii. *Conduta sexual da mulher*. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1954, p.537. p. 87-88.

³² Dados fornecidos à revista *Veja* pelo “Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas de São Paulo”, coordenado pela psiquiatra Carmita Abdo. Segundo Abdo, “a falta de desejo hoje é a principal queixa sexual feminina”. OYAMA, Thaís. Quando o sexo esfria. *Veja*. Edição 1.766, ano 35, n.º 34, ago. 2002, p.87-88.

sexualidade através da ciência sexual moderna e sua divulgação.

Referências:

BRUCKNER, Pascal; FINKIENKRAUT, Alan. *A nova desordem amorosa*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as páginas, revendo as mulheres: as revistas femininas e relações homem-mulher, 1954-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BORGES, Dulcina Tereza Bonati. *A Cultura "Psi" das revistas Femininas (1970-90)*. 1998, Dissertação (Mestrado em História) . Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Sexo, poder e indivíduo*- Entrevistas selecionadas – Tradução: Jason de Lima e Silva; Davi de Souza. Desterro: Edições Nefelibata, 2003.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismos nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GUILLEBAUD, Jean Claude. *A tirania do prazer*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo*. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.

NECKEL, Roselane. *Pública Vida Íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979)*. 2004 Teses (Doutorado em História do Brasil). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RAGO, Margaret. Os mistérios do corpo feminino ou as muitas descobertas do “Amor Venéris”. In. Projeto História: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História*, Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, 2002.

LAGO, Mara Coelho da Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.) *Falas de Gênero: Teorias, Análises, Leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

PASSERINI, Luisa. Mulheres, consumo e cultura de massas. In. DUBY, Georges ; Perrot, Michelle. (Org.). *História das mulheres no Ocidente*. O século XX. Trad. Alda Maria Durães et alii. Porto: Afrontamento, São Paulo: Ebradil, 1991.

ROLNIK, Sueli. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SCOTT, Joan W.. Experiência. In. SILVA, Alcione Leite da,